

UMA VERSÃO MITO-HISTÓRICA DO PROCESSO MIGRATÓRIO DA NAÇÃO ANISHINABE

HARRYSON JÚNIO LESSA GONÇALVES¹

UNESP, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0001-5021-6852>

BEATRIZ DOS SANTOS LANDA²

UEMS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0001-8074-6889>

ANTÔNIO HILÁRIO AGUILERA URQUIZA³

UFMS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-3375-8630>

RESUMO: *Este artigo visa apresentar uma visão/versão mitológica da nação anishinabe, indígenas da América do Norte. Trata-se de um recorte feito de uma etnografia realizada no âmbito das Tribal Colleges/Universities (TCU) estadunidenses. A escrita ensaística deste manuscrito foi realizada a partir de interpretações de fontes documentais e bibliográficas, bem como a visita ao Ziibiwing Cultural Center (museu da Saginaw Chippewa Indian Tribe de Michigan), realizadas durante a etnografia que retratavam os saberes ancestrais dos anishinabes. No texto exploraremos as sete profecias e os sete fogos (eras) vividas pelos anishinabes que retratam o seu processo migratório na região dos grandes lagos na América do Norte.*

PALAVRAS-CHAVE: *Etnologia Indígena, Mitologia, Saginaw Chippewa, Saberes Indígenas, Indígena Estadunidense.*

ABSTRACT: *This article aims to present a mythological vision/version of the Anishinabe nation, indigenous people of North America. This is an excerpt made from an ethnography carried out within the scope of the American Tribal Colleges/Universities (TCU). The essay writing of this manuscript was carried out based on interpretations of documentary and bibliographic sources, as well as the visit to the Ziibiwing Cultural Center (museum of the Saginaw Chippewa Indian Tribe of Michigan), carried out during the ethnography that portrayed the ancestral knowledge of the Anishinabes. In the text we will explore the seven prophecies and the seven fires (eras) experienced by the Anishinabes that portray their migratory process in the Great Lakes region of North America.*

KEYWORDS: *Indigenous Ethnology, Mythology, Saginaw Chippewa, Indigenous Knowledge, American Native.*

¹ Professor associado da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, câmpus de Marília e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciências da Unesp, câmpus de Bauru. Líder do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Educação (GPAE) e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo (NIPAC).

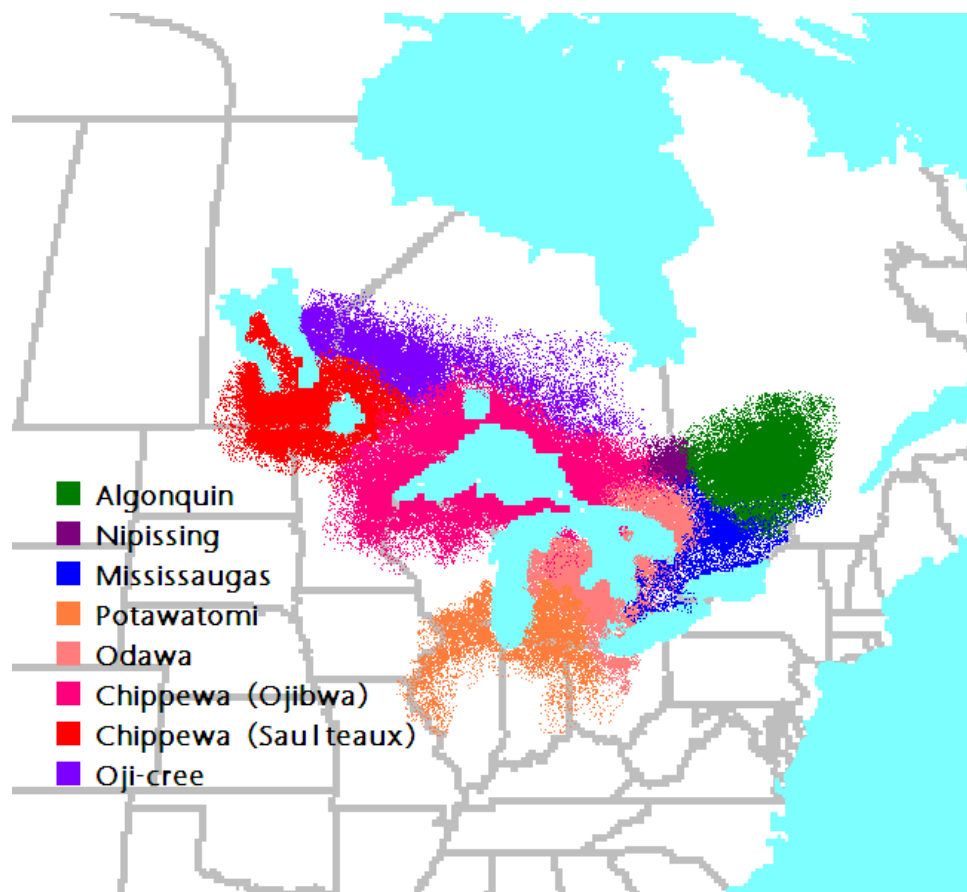
² Professora adjunta do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Ensino de História / PROFHistória e do Mestrado e Doutorado em Educação/ProfEduc da UEMS e do Programa de Mestrado em Antropologia Social da UFGD.

³ Professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFMS) e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Membro da Cátedra Unesco Educação Superior e Povos Indígenas e Afrodescendentes na América Latina.

GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa; LANDA, Beatriz dos Santos; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Uma versão mito-histórica do processo migratório da nação anishinabe. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2025.

A nação⁷ anishinabe, também conhecidos como *ojibwa*, *saulteaux* e *chippewa*, referem-se a si mesmos em sua língua original como anishinabe ou "o povo". Eles chegam a mais de 78.000 nos Estados Unidos e são formados por redes independentes, unidas por uma língua, cultura e sistema de clã tradicional compartilhados. Tradicionalmente, habitam a região dos Grandes Lagos Ocidentais que abarcam os estados de *Michigan*, *Wisconsin*, *Minnesota*, *North Dakota*, *Ontario* e *Manitoba* (figuras 1 e 2).

Figura 2. Mapa das Tribos da Nação Anishinabe



Fonte: Wikimedia Commons⁸

Os anishinabe estão culturalmente relacionados a outros povos da floresta do nordeste dos Estados Unidos e linguisticamente relacionados a outros povos da família de línguas *algonkian*⁹.

A religiosidade anishinabe tem a ver com as histórias e cerimônias que fazem conexões entre as pessoas e as fontes de vida. Tem ainda como valores o respeito aos mais velhos e o compromisso ético com a vida da comunidade. A tradição religiosa anishinabe enfatiza a importância da

⁷ Nos Estados Unidos as comunidades indígenas (e pesquisadores) utilizam comumente o termo “tribo” para se caracterizarem, diferente do Brasil que são utilizados os termos “aldeia” ou “comunidade”. Naquele país as “tribos”, em geral, são comunidades que compõem um grupo étnico denominado de “nação indígena” naquele país.

⁸ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Anishinaabe-Anishinini_Map.PNG. Acesso em: 1 jan. 2024.

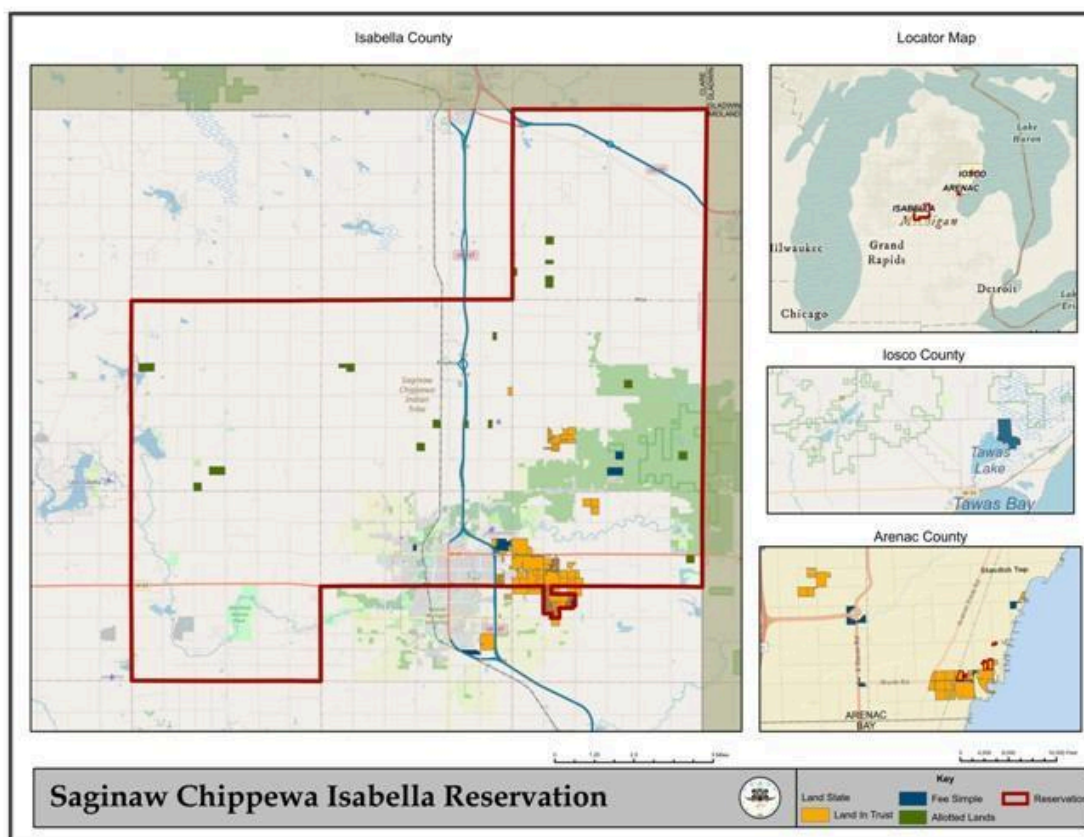
⁹ Disponível em: https://pluralism.org/files/pluralism/files/anishinaabe_ojibwe_ways.pdf. Acesso em: 1 jan. 2024.

GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa; LANDA, Beatriz dos Santos; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Uma versão mito-histórica do processo migratório da nação anishinabe. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2025.

dedicação, ao longo da vida, à harmonia e à beleza de *bimaadiziwin*, o movimento circular contínuo da vida¹⁰.

A *Saginaw Chippewa Indian Tribe* (SCIT), comunidade em que realizei a etnografia, fica localizada no estado de Michigan e suas terras estão, enquanto reserva federal, no condado de Isabella, com parte ainda no condado de Arenac (figura 3).

Figura 3. Reserva da *Saginaw Chippewa Indian Tribe*



Fonte: Portal da SCIT¹¹

A SCIT possui a *Saginaw Chippewa Tribal College* (SCTC) localizada na reserva (tema central da nossa etnografia), na cidade Mount Pleasant no condado de Isabella. Tal instituição oferece educação superior às comunidades indígenas e é gerida pela própria tribo. Conforme consta no portal da instituição¹², a SCTC foi fundada em 1998 e em 2007 tornou-se uma instituição de ensino superior devidamente credenciada ao sistema estadunidense. A instituição tem como missão “oferecer oportunidades educacionais que refletem os valores anishinabe”.

Conforme apontei anteriormente, a organização desta escrita etnográfica foi inspirada na cultura anishinabe, desde as minhas duas visitas ao *Ziibiwing Cultural Center*. A exposição permanente *Diba Jimooyung*¹³ é

¹⁰ Disponível em: https://pluralism.org/files/pluralism/files/anishinaabe_ojibwe_ways.pdf. Acesso em: 1 jan. 2024.

¹¹ Disponível em: <http://www.sagchip.org/news.aspx?newsid=757#.ZU6M3OzMK3I>. Acesso em: 6 jan. 2024.

¹² Disponível em: <https://www.sagchip.edu/our-history>. Acesso em: 10 jan. 2024.

¹³ Em português: Contando nossa História.

GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa; LANDA, Beatriz dos Santos; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Uma versão mito-histórica do processo migratório da nação anishinabe. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2025.

distribuída em 15 áreas e conta a história originária dos anishinabe, nação dos Grandes Lagos: 1) Petróglifos; 2) Introdução à História da Criação Anishinabe e ao Cinema da Criação; 3) Casa de Ensino; 4) De Onde Viemos; 5) Casa de Inverno; 6) Contato e Coexistência; 7) Efeitos da Colonização; 8) Mudanças Ambientais; 9) Memórias do Sangue; 10) Língua; 11) Forças Anishinabe; 12) Introdução à Soberania; 13) Cinema da Identidade; 14) Espírito de Soberania; e 15) Continuando a Jornada.

O *Diba Jimooyung* apresenta as lutas para manter sua terra, língua e modo de vida.

Até chegar, de fato, à região dos Grandes Lagos, os ancestrais anishinabe participaram de um longo processo migratório. A nação, original da costa leste da América do Norte, junto ao Atlântico (na altura da foz do rio St. Lawrence), seguiu rumo ao oeste em um movimento de caráter messiânico. Supõe-se que a migração tenha tido início por volta de 900 d.C., quando os Anishinabe partiram para a realização de uma profecia. Pormenores dessa trajetória são narrados hoje pelos grupos que compõem a Nação Anishinabe. Por meio de mitos e representações visuais, como mapas e diagramas, os indígenas constroem uma versão mito-histórica desse fenômeno migratório, que vem ao encontro das descobertas alcançadas pelos arqueólogos (Braz Dias, 2019, p. 268)

Assim, a exposição evidencia, conforme corrobora a antropóloga Juliana Braz Dias (2019), a versão mito-histórica desses fenômenos migratórios dos anishinabe nos Grandes Lagos (figuras 1 e 2). Segundo Lévi-Strauss,

Essa dupla estrutura, ao mesmo tempo histórica e a-histórica, explica que o mito possa simultaneamente pertencer ao âmbito da fala (e ser analisado enquanto tal) e ao da língua (na qual é formulado) e ainda apresentar, num terceiro nível, o mesmo caráter de objeto absoluto. Esse terceiro nível também possui uma natureza linguística, porém se distingue dos outros dois. (...) O mito é uma linguagem, mas uma linguagem que trabalha num nível muito elevado, no qual o sentido consegue, por assim dizer, descolar-se do fundamento linguístico no qual inicialmente rodou. (Lévi-Strauss, 2008, p. 224)

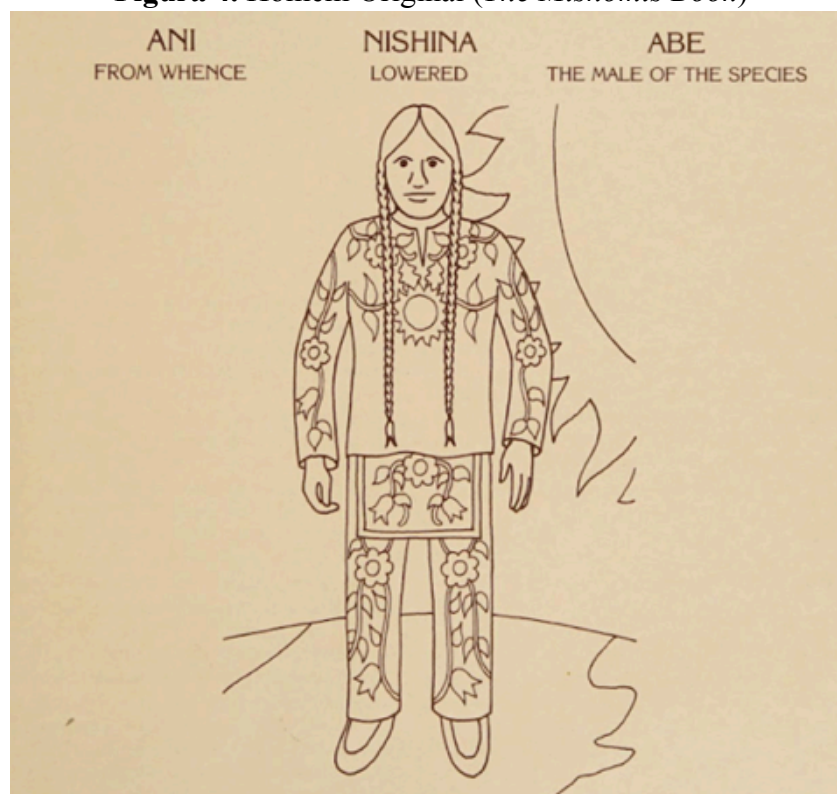
No início da exposição, somos surpreendidos pela seguinte mensagem aos ingressantes: “Todas as histórias de criação são verdadeiras”.

A exposição é estruturada a partir do mito da criação do primeiro anishinabe e as sete profecias, relativa aos sete fogos (tempos/eras), dadas aos anishinabes pelo criador. “As profecias têm sido narradas pelos anishinabe ao longo de várias gerações e, acreditam, estarão sempre guiando o futuro desse povo” (Braz Dias, 2019).

Quando *Ah-ki'* (Terra) era jovem, dizia-se que a Terra tinha uma família. *Nee-ba-gee-sis* (Lua) é chamada de avó e *Gee-sis* (Sol) é chamada de avô. O criador desta família é conhecido como *Gi-tchie Man-i-to'* (o Grande Mistério ou Criador). Diz-se que a Terra é uma mulher. Pode-se entender daí que as mulheres precederam os homens na criação. Ela é chamada de Mãe Terra porque todos os seres vivos vêm dela. A água é o seu sangue vital e flui através dela, nutrindo-a e purificando-a. Na superfície da Terra, tudo é influenciado pelas quatro direções divinas – Norte, Sul, Leste e Oeste. Tais direções trazem uma contribuição importante para o planeta como um todo. Tudo no mundo tem poderes espirituais e físicos (Benton-Banai, 1988).

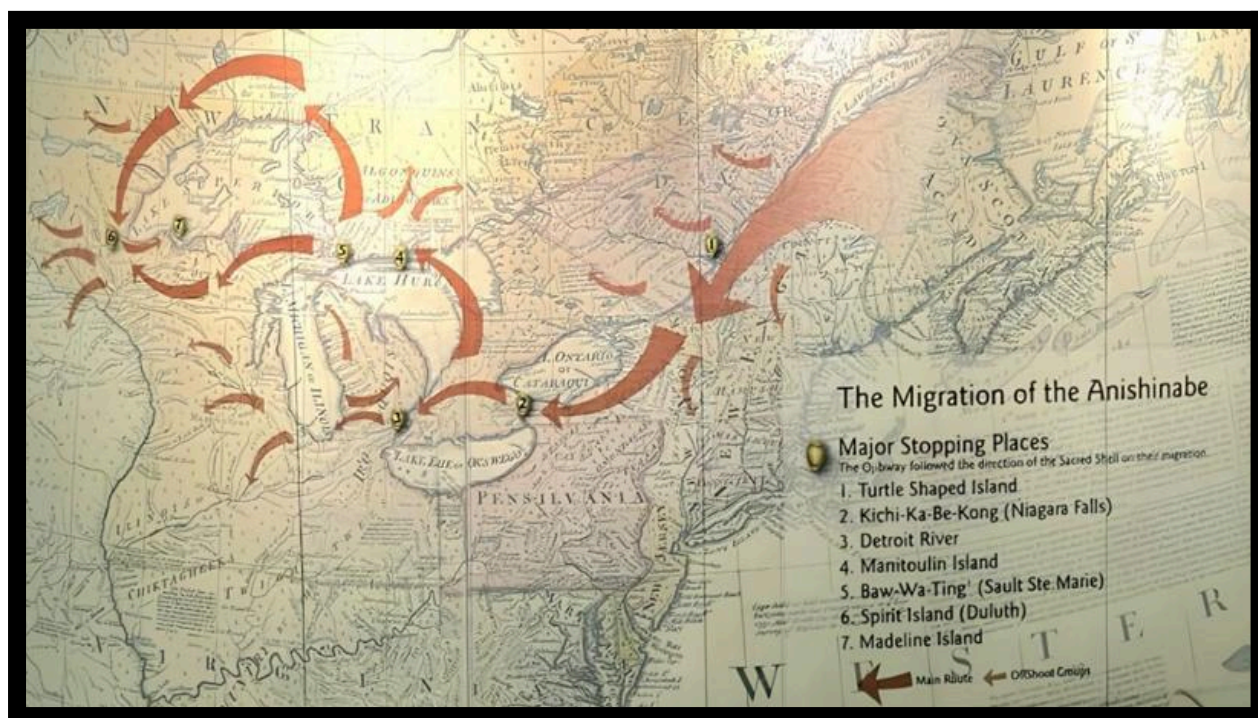
O Criador enviou Seus cantores à terra na forma de pássaros para levar as sementes da vida nas quatro direções. Dessa forma, a vida se espalhou por toda a terra. Na Terra, o Criador colocou as criaturas nadadoras na água. Ele deu vida a todo o mundo das plantas e dos insetos. Na Terra, o Criador colocou os seres nadadores, insetos, rastejantes, quadrúpedes e, ainda, criou o mundo das plantas. Todos eles viviam em harmonia. *Gi-tchie Man-i-to'* então pegou partes da Mãe Terra e as soprou usando uma Concha Sagrada; com a união dos Quatro Elementos Sagrados e de sua respiração, o homem foi criado. Assim, o homem foi a última forma de vida a ser criada na Terra. Deste “Homem Original” veio o povo *A-nish-i-'a'-be* que significa: Ani (de onde); Nishina (baixou); Abe (o macho da espécie) (Benton-Banai, 1988).

Figura 4. Homem Original (*The Mishomis Book*)



Fonte: Benton-Banai (1988, p. 3)

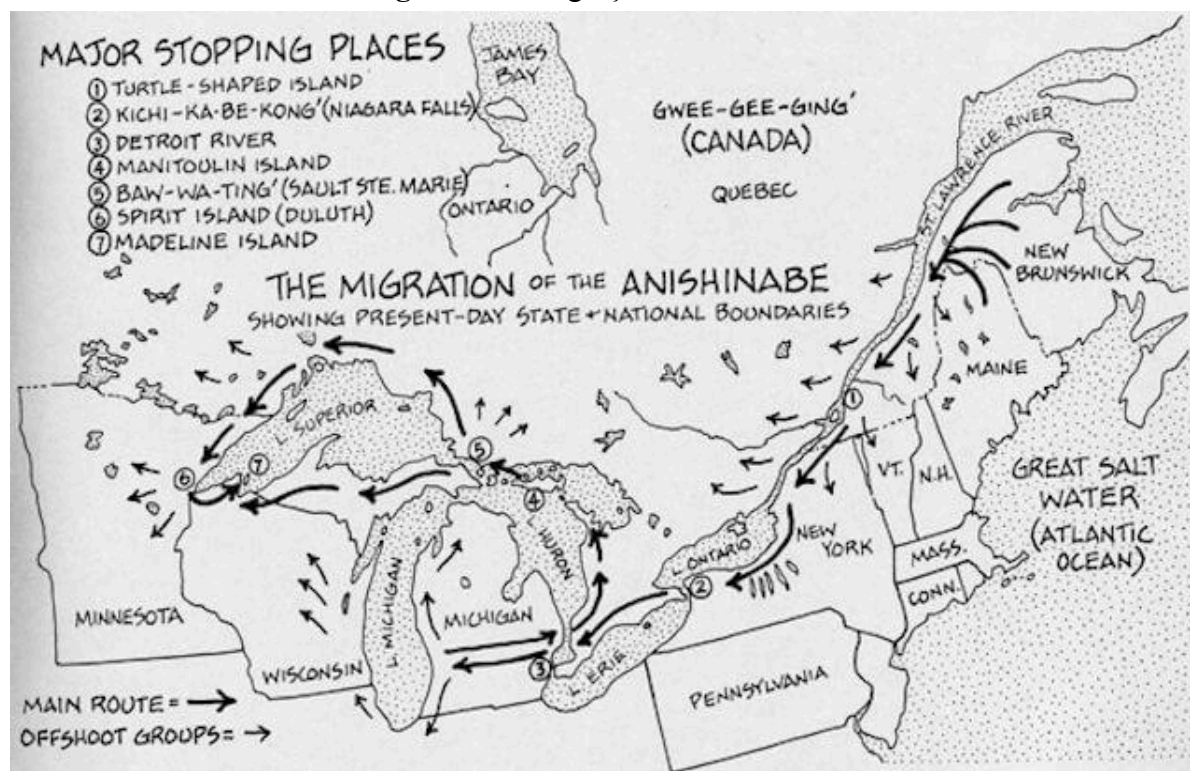
As sete profecias caracterizam a trajetória migratória dos anishinabes da Costa Leste da América do Norte rumo ao Oeste.

Figura 5. A Migração dos anishinabes

Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

A primeira profecia, dada na Costa Leste da América do Norte, instruía os anishinabes a caminhar em direção ao sol poente para sua sobrevivência (oeste) rumo a um novo lar onde o alimento cresce na água.

Na época do Primeiro Fogo, a nação anishinabe se levantará e seguirá a concha sagrada da câmara *Midewiwin*. A câmara *Midewiwin* servirá como ponto de encontro para o povo e os seus costumes tradicionais serão fonte de muita força. O Sagrado Megis [búzio] liderará o caminho para o terreno escolhido do anishinabe. Vocês devem procurar uma ilha em forma de tartaruga [atualmente Montreal no Canadá] que esteja ligada à purificação da terra. Vocês encontrarão essa ilha no início e no final de sua jornada. Serão sete paradas ao longo do caminho. Vocês saberão que o terreno escolhido foi alcançado quando chegar a uma terra onde o alimento cresce na água. Quem não for, será destruído (Benton-Banai, 1988, p. 89, tradução livre do original).

Figura 6. A Migração dos anishinabes

Fonte: Anishinabe Migration Story¹⁴

Assim, os anishinabes seguiram na “Grande Caminhada” para o oeste em direção a ilha em forma de tartaruga (atualmente na região de Montreal no Canadá – primeiro local de parada). Lá eles viveram o primeiro fogo e receberam a segunda profecia:

Você conhecerá o Segundo Fogo porque neste momento a nação estará acampada perto de um grande corpo de água. Neste momento a direção da Concha Sagrada será perdida. O Midewiwin diminuirá em força. Nascerá uma menina que apontará o caminho de volta aos costumes tradicionais. Ela mostrará a direção dos Caminho das Pedras para o futuro do povo anishinabe. (Benton-Banai, 1988, p. 89, tradução livre do original)

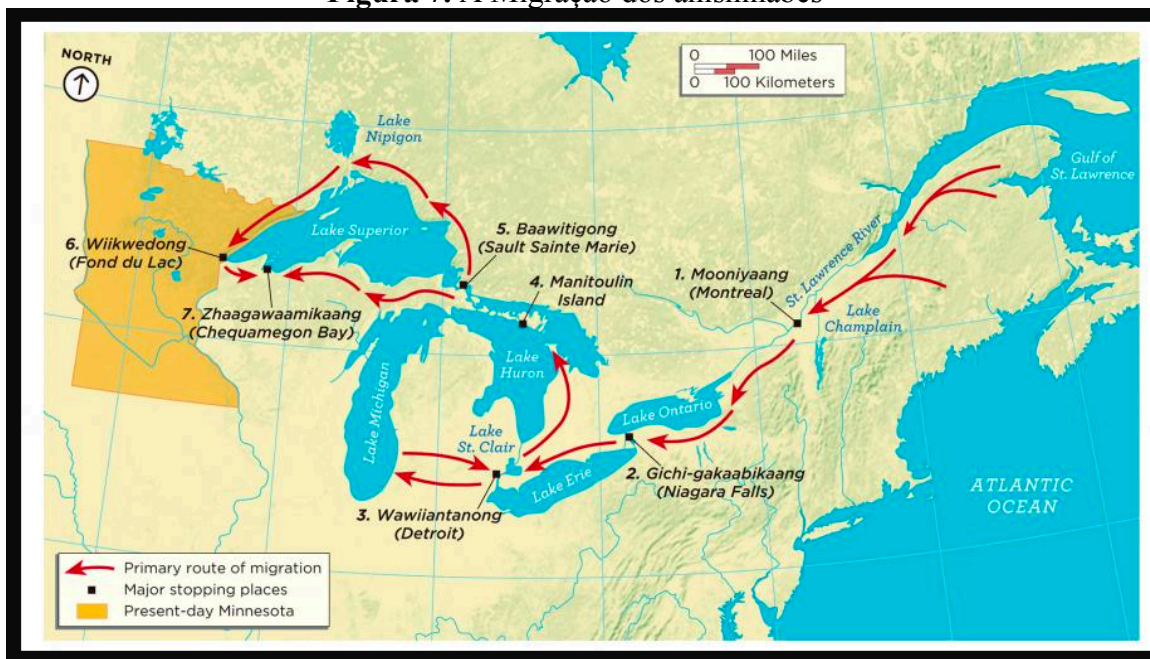
O segundo fogo deu-se em Kichi-ka-Be-Kong (Cataratas do Niágara¹⁵)¹⁶ – segundo local de parada.

¹⁴ Disponível em: <https://www.indigenouspeople.net/migstory.htm>. Acesso em: 8 jan. 2024.

¹⁵ Localizada no leste da América do Norte (entre os lagos Ontário e Erie), fronteira do estado de Nova Iorque e de Ontário (província no centro-leste do Canadá).

¹⁶ Algumas tradições orais dizem que a realização do Segundo Fogo ocorreu no “Terceiro Ponto de Parada”; localizado em algum lugar próximo ao que hoje é Detroit no Estado de Michigan.

GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa; LANDA, Beatriz dos Santos; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Uma versão mito-histórica do processo migratório da nação anishinabe. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2025.

Figura 7. A Migração dos anishinabes

Fonte: National Park Trust¹⁷

As tradições orais dizem que o segundo fogo ocorreu no “terceiro ponto de parada”, localizado em algum lugar próximo ao que hoje é Detroit, Michigan. Os anishinabes se dividiram entre aqueles que subiram o rio Ottawa e aqueles que subiram o rio St. Lawrence. Depois de deixar a área próxima às Cataratas do Niágara, o grupo do sul seguiu para o Lago St. Clair. Eles continuaram para o oeste até chegarem ao longo da costa sul do lago Michigan, mas, a essa altura, as evidências da concha (sagrada) Megis foi perdida (conforme a profecia) e os Anishinabes do sul ficaram “perdidos”, tanto fisicamente quanto espiritualmente em sua jornada. O grupo do sul se dividiu no que hoje são os Ojibwa, Odawa e Potawatomi, enquanto o grupo do norte dividiu-se em Algonquin, Nipissing e Mississaugas, mantendo uma coesão que não foi mantida pelo grupo do sul. Fortuitamente, uma menina Potawatomi teve um sonho e apontou o grupo do sul de volta para o Lago St. Clair. O grupo voltou não como um único povo anishinabe, mas sim como uma aliança unificada chamada “Conselho dos Três Fogos”. Viajando para leste e norte, e depois para oeste, o Conselho atravessou uma série de pequenas ilhas conhecidas como o “Caminho das Pedras” até chegar à Ilha Manitoulin (quarto ponto de parada). Lá, na ilha, o Conselho reuniu-se com os Mississaugas, que então realinharam espiritualmente o grupo do sul (anteriormente perdido) com o grupo do norte, que nunca se perdeu. Os Odawa facilitaram a “cura” e a ilha tornou-se sinônimo de “Ilha de Odawa” na língua anishinabe¹⁸.

A terceira profecia recebida diz: “No Terceiro Fogo, os anishinabe encontrarão o caminho para o terreno escolhido, uma terra no Oeste para onde deverão mudar suas famílias. Esta será a terra onde o alimento crescerá

¹⁷ Disponível em: <https://parktrust.org/blog/robbied-migration-ojibwe/>. Acesso em: 8 jan. 2024.

¹⁸ Disponível em: <https://letourvoicesecho.wordpress.com/the-camps-of-standing-rock/>. Acesso em: 6 jan. 2024.

GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa; LANDA, Beatriz dos Santos; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Uma versão mito-histórica do processo migratório da nação anishinabe. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2025.

sobre as águas” (Benton-Banai, 1988). Tal profecia aponta a reconexão (e cura) dos povos do sul com os do norte.

A quarta profecia foi dada por dois profetas (alguns dizem que era um só homem com dois espíritos) no quinto ponto de parada. A profecia faz alusão à chegada de uma raça de pele clara no quarto fogo (Benton-Banai, 1988).

O primeiro profetizou:

Vocês conhecerão o futuro do nosso povo pelo rosto que a raça de pele clara usa. Se eles vierem com a cara da fraternidade, então chegará um momento de mudanças maravilhosas para as gerações vindouras. Trarão novos conhecimentos e artigos que poderão ser aliados ao conhecimento deste país. Desta forma, duas nações se unirão para formar uma nação poderosa. Esta nova nação será acompanhada por mais duas, de modo que quatro formarão a nação mais poderosa de todas. Você conhecerá a face da irmandade se a raça de pele clara vier sem armas, se vier trazendo apenas seu conhecimento e um aperto de mão (Benton-Banai, 1988, p. 89-90, tradução livre do original).

Enquanto o segundo profetizou:

Cuidado se a raça de pele clara vier com a cara da morte. Vocês devem ter cuidado porque a face da fraternidade e a face da morte são muito parecidas. Se eles vierem portando uma arma... cuidado. Se eles vierem com uma cara de sofrido... Eles podem te enganar. Seus corações podem estar cheios de ganância pelas riquezas desta terra. Se eles são realmente seus irmãos, deixe-os provar isso. Não os aceitem com total confiança. Vocês saberão que o rosto que eles usam é de morte se os rios correrem com veneno e os peixes se tornarem impróprios para comer. Vocês os conhecerão por essas muitas coisas (Benton-Banai, 1988, p. 90, tradução livre do original).

Ainda no quinto ponto de parada, inicia-se o quarto fogo com a chegada de pessoas de pele clara (franceses) em grandes barcos de madeira. Eles foram chamados de *wemitigoozhii* (“povo dos barcos de madeira”). Embora a Coroa Francesa estivesse interessada no colonialismo, no que diz respeito aos anishinabes, os franceses aparentavam interesses apenas no comércio por meio do mercantilismo. Juntamente com os franceses, os anishinabes formaram alianças comerciais que não só estenderam os poderes coloniais franceses ao coração da América do Norte, mas também fortaleceram o poderio político e militar dos anishinabes. Depois dos franceses vieram os britânicos, chamados de *zhaaganaash* (“povo do mar”).

Na época do Quinto Fogo, chegará um momento de grande luta que dominará a vida de todos os povos nativos. Quando este Fogo diminuir, surgirá entre o povo alguém que traz consigo uma promessa de grande

alegria e salvação. Se o povo aceitar esta promessa de um novo caminho e abandonar os velhos ensinamentos, então a luta do Quinto Fogo acompanhará o povo por muitas gerações. A promessa que vier provará ser uma promessa falsa. Todos aqueles que aceitarem esta promessa causarão a quase destruição do povo¹⁹.

“A quinta profecia traz o anúncio de um tempo de muita luta para os povos indígenas, quando a ‘Raça de Pele Clara’ apresentará falsas promessas, propondo uma nova forma de vida” (Braz Dias, 2019). Na exposição é retratado neste fogo uma era de destruição, com destaque à “Era dos Tratados” para os anishinabes. Em tal Era, “o governo dos Estados Unidos, no período que seguiu à independência, assinou tratados com centenas de nações indígenas, trocando terras por pagamentos e direitos de acesso” (Braz Dias, 2019). Estes tratados eram feitos desde promessas e, geralmente, alcoolizando os indígenas estadunidenses (figura 8). Em consequência, houve devastação e destruição das terras dos anishinabes (figura 9).

Figura 8. Quinto Fogo (promessas, tratados e acordos)



Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

¹⁹ Disponível em: <https://www.ya-native.com/nativeamerica/theteachingofthesevenfiresprophecy.html>. Acesso em: 6 jan. 2024.

GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa; LANDA, Beatriz dos Santos; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Uma versão mito-histórica do processo migratório da nação anishinabe. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2025.

Figura 9. Quinto Fogo (destruição e devastação)

Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

Na época do Sexto Fogo será evidente que a promessa do Quinto Fogo veio de forma falsa. Aqueles que foram enganados por esta promessa afastarão os seus filhos dos ensinamentos dos Anciãos. Netos e netas se voltarão contra os Anciãos. Desta forma, os Anciãos perderão a razão de viver... perderão o propósito da vida. Neste momento uma nova doença surgirá entre as pessoas. O equilíbrio de muitas pessoas será perturbado. O cálice da vida quase se tornará o cálice da dor (Benton-Banai, 1988, p. 89, tradução livre do original).

A sexta profecia distancia os anishinabes dos seus ensinamentos e tradições. Como consequência das falsas promessas feitas durante o quinto fogo, muitos zombaram dos profetas. Durante o sexto fogo, os anishinabes observaram que a profecia soava como verdadeira, visto que as crianças foram afastadas dos ensinamentos dos ancestrais. Muitas foram enviadas para os internatos criados pela raça de pele clara com a justificativa de “civilizá-las” (ou melhor dizendo, matar a indigeneidade delas). A era dos internatos de “civilização” das crianças indígenas havia começado nos Estados Unidos (Benton-Banai, 1988).

Figura 10. Sexto Fogo (distanciamento dos ensinamentos e tradições)

Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

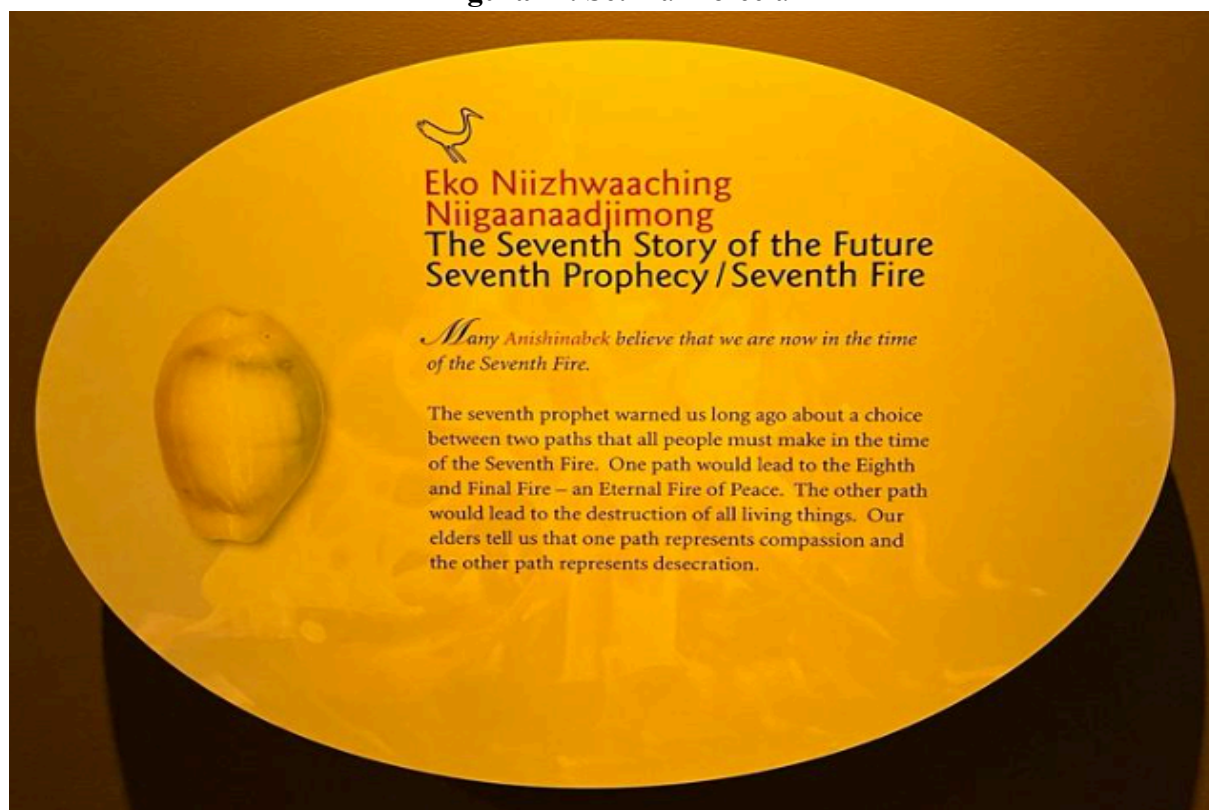
Braz Dias evidencia tal era a partir da sua interpretação da área 7 da exposição do *Zibiwing Cultural Center*:

Há a exibição de uma reprodução da obra de Howard Chandler Christy (*The signing of the Treaty of Greene Ville*, 1795), produzida em 1945 e hoje abrigada em um edifício do governo do estado de Ohio. Ainda, as paredes exibem fotografias de antigas lideranças indígenas (...). Os textos escritos abordam criticamente os projetos civilizatórios aos quais os indígenas estiveram submetidos, como as escolas para crianças indígenas e as atividades missionárias. São apresentadas fotografias relativas à Mt. Pleasant Indian Industrial School, que funcionou entre 1893 e 1934, com uma média de 300 alunos por ano. A escola foi resultado de um dos tratados assinados pelos Anishinabe de Michigan com o congresso americano (Braz Dias, 2019, p. 276-277).

A tradição e a língua foram “tiradas” das crianças. As pessoas começaram a morrer cedo, perderam o sentido de viver. Em tal era confusa (sexto fogo), um grupo de visionários disse aos sacerdotes que o Caminho corria o risco de ser destruído. Na ocasião foram juntados os ensinamentos e pergaminhos sagrados que registravam as cerimônias anishinabe; tudo foi colocado num tronco oco de *Ma-none'* (árvore pau-ferro). Alguns homens desceram um penhasco com longas cordas e lá enterraram o tronco para que ninguém pudesse encontrá-lo. Assim, os ensinamentos foram ocultados das vistas, mas guardados na memória. Eles acreditavam que no dia em que pudessem praticar sua religião sem medo, um menino sonharia onde estava

enterrado o tronco e levaria os anishinabes até o lugar (Benton-Banai, 1988)²⁰.

Figura 11. Sétima Profecia



Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

Assim, surge a sétima profecia. Seu profeta era um jovem que tinha uma luz diferente nos olhos. Ele profetiza:

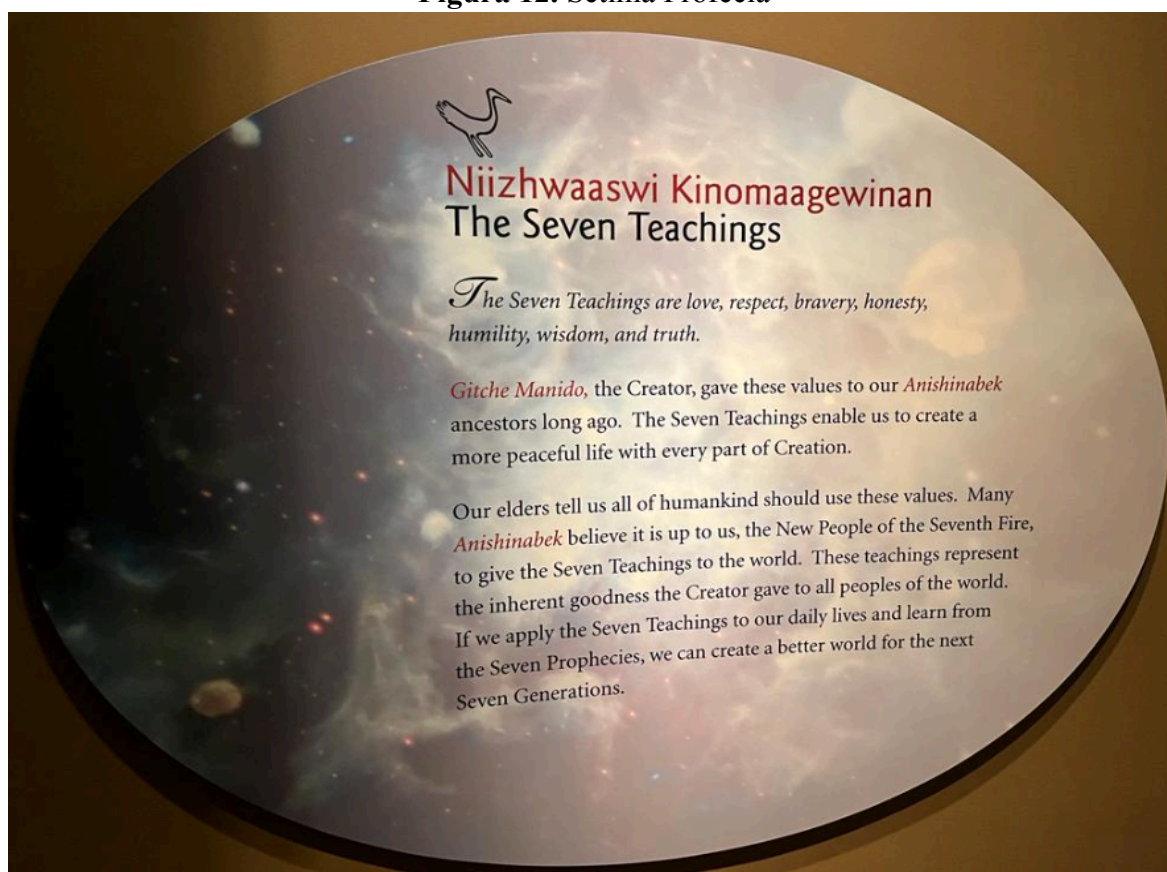
No tempo do Sétimo Fogo surgirão novas pessoas. Eles refarão seus passos para encontrar o que restou da trilha. Seus passos os levarão aos anciãos, a quem pedirão que os guie em sua jornada. Mas muitos dos Anciãos terão adormecidos. Eles despertarão para este novo tempo sem nada a oferecer. Alguns dos anciãos ficarão em silêncio porque ninguém lhes perguntará nada. O Novo Povo terá que ter cuidado na forma como aborda os anciãos. A tarefa do Novo Povo não será fácil. Se o Novo Povo permanecer forte na sua busca, o Tambor de Água da *Midewiwin* soará novamente a sua voz. Haverá um renascimento da nação anishinabe e um reacendimento de velhas chamas. O Fogo Sagrado será novamente aceso. É desta vez que a raça de pele clara poderá escolher entre dois caminhos. Um caminho será verde e exuberante e muito convidativo. O outro caminho ficará preto e carbonizado, caminhar por ele cortará os pés. Na profecia, o povo decide não seguir nenhum dos caminhos, mas sim voltar atrás, para lembrar e recuperar a

²⁰ BENTON-BANAI, Edward, **The Mishomis Book**. Hayward: Indian Country Communications, 1988.

GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa; LANDA, Beatriz dos Santos; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Uma versão mito-histórica do processo migratório da nação anishinabe. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2025.

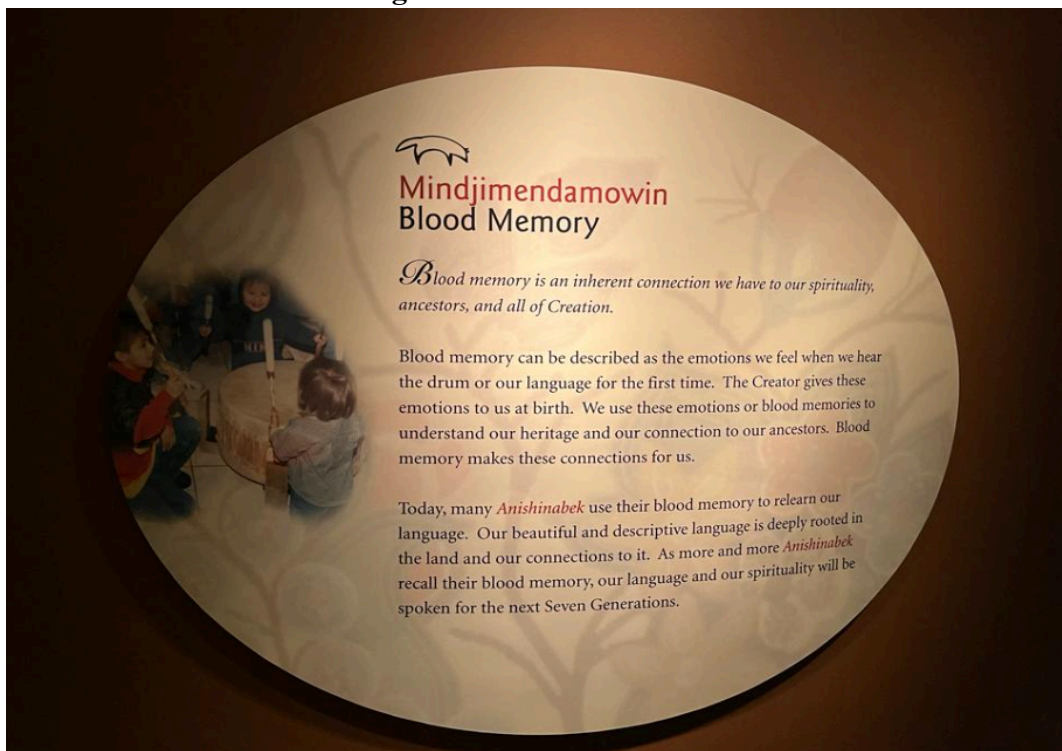
sabedoria daqueles que vieram antes deles. Se escolherem o caminho certo, então o Sétimo Fogo acenderá o Oitavo e último Fogo, um fogo eterno de paz, amor, fraternidade e irmandade. Se a raça de pele clara fizer a escolha errada dos caminhos, então a destruição que trouxeram consigo ao vir para este país se voltará contra eles e causará muito sofrimento e morte a todos os povos da Terra (Benton-Banai, 1988, p. 91-93, tradução livre do original, grifo nosso).

Figura 12. Sétima Profecia



Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

A sétima profecia aclama o renascer de um “Novo Povo” com o retorno às tradições quem sabe atual fogo que vivem os anishinabes. Conforme observado e evidenciado por Braz Dias, “a exposição, a partir desse ponto, enfatiza o fortalecimento do grupo. Fala da conexão com a língua, as músicas, a espiritualidade e os ensinamentos. São elementos presentes na ‘memória do sangue’, apontada como base para a sobrevivência da cultura” (Braz Dias, 2019).

Figura 13. Sétima Profecia

Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

Por fim, a memória de sangue é elemento central desse Novo Povo, pois é por meio dela que se retorna aos fogos da nação anishinabe (seu caminho, suas tradições).

Figura 14. Os Ensinaamentos dos Sete Avós (Ziibiwing Cultural Center)

Fonte: Acervo do pesquisador (2024)

Figura 15. Os Ensinaamentos dos Sete Avós

Fonte: Ilustração de Aura e Chief Lady Bird²¹

É pela “memória de sangue” que são fortalecidas suas tradições. Onde são resgatados os ensinamentos ancestrais dos avós (figuras 14 e 15): *Gwekwaadziwin* (honestidade), representado pelo corvo; *Nbwaakaawin* (sabedoria), representado pelo castor; *Debwewin* (verdade), representado pela tartaruga; *Aakwa’ode’ewin* (bravura), representado pelo urso; *Mnaadendimowin* (respeito), representado pelo búfalo; *Zaagidwin* (amor), representado pela águia; *Dbaadendiziwin* (humildade): representado pelo lobo. Ensinamentos enterrados no tronco oco de *Ma-none’* e guardados na memória de sangue dos anishinabes – que bem caracteriza a indigeneidade anishinabe.

A partir da pesquisa de campo e, principalmente, bibliográfica, constatamos a centralidade das narrativas míticas deste povo, através do estilo profético. Mais que antecipação ou previsão do futuro, podemos entender como uma releitura da própria trajetória do povo anishinabe, lembrando que toda narrativa da criação é verdadeira para os povos originários. O mais significativo, após o mito da criação, é quando se trata das profecias e o formato de circularidade apresentada: a trajetória de migração em direção ao sol, em busca de uma “terra prometida”, onde o alimento cresce na água, ou seja, em abundância; surge, na sequência dos deslocamentos, as desventuras, o encontro com a civilização ocidental, as catástrofes e a descaracterização dos valores culturais e tribais, conformando um período de sofrimento e purificação para, mais adiante, a profecia proferida por um jovem, de que seria possível o retorno aos valores e tradições tribais.

²¹ Disponível em:

<https://www.todaysparent.com/family/parenting/the-seven-grandfather-teachings-have-become-the-foundation-of-my-daily-parenting-practices/#gallery/the-seven-grandfather-teachings/6>. Acesso em: 9 jan. 2024.

GONÇALVES, Harryson Júnio Lessa; LANDA, Beatriz dos Santos; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Uma versão mito-histórica do processo migratório da nação anishinabe. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 75-92, jan./abr. 2025.

Referências bibliográficas

BENTON-BANAI, Edward. **The Mishomis Book**. Hayward: Indian Country Communications, 1988.

BRAZ DIAS, Juliana. **Histórias contadas: análise de uma experiência entre os Anishinabe**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 257-281, jan./abr., 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Ubu Editora, 2008.

Recebido em: 22/03/2024* Aprovado em: 11/11/2024* Publicado em: 30/04/2025
